



A rezadeira dona Maria

Rezadeira na hora do aperto

Os habitantes de Vargem Bonita certamente procurarão o pequeno posto de saúde da agrovila, se precisarem de um curativo. Também irão lá nos dias nacionais de vacinação. Mas o ginecologista que atende às segundas, o pediatra das terças e o clínico geral das tardes de sexta e manhãs de sábado, nem sempre serão procurados. No lugar deles, a mulher grávida, a mãe com o filho doente ou o lavrador com dor de garganta poderão preferir um dos rezadeiros da redondeza.

Em todos os cantos se ouve falar neles. A começar pelo próprio posto de saúde, cuja atendente, Kukuyo Baraldi, mais conhecida por Regina, confessa haver se valido dos ramos benitos de dona Maria para eliminar manchas que cobriam seu pescoço. E ainda no posto, Márcia Távora de Souza Dias, que organiza com Kukuyo uma associação de mães, revela que seu filho Leonardo, hoje com do aos três meses de vida e após uma semana de internação no

Hospital Santa Lúcia, pelos mesmos ramos.

A fama de dona Maria corre solta, mas ela não estava na agrovila por ocasião da reportagem. Havia se hospitalizado para curar problemas renais. Santo de casa não faz milagre? Não é bem isso. Milagre, aliás, é uma palavra que não se usa com as rezadeiras de Vargem Bonita. Elas também não gostam de publicidade. São humildes católicas de muita fé. E dona Braulina Borges da Silva, que tem 60 anos e há sete veio de São Miguel do Araguaia (GO), previne: "Nada de mais grave, que não dou conta".

Em compensação, espinhela caída, dor de dente, cobreiro e desinteria, "benzo uma vez; só se estiver muito ruim para não valer de uma vez só", assegura. E é confirmada pelo testemunho de Eunice Maria Borges de Freitas, cuja filha, Elenice, acabava de ser benzida e curada de desinteria ("ventre virado"), conforme afirmou. "Diaréia, pára na hora", acrescen-

tou dona Braulina.

Seu barraco, que parece nunca ter visto uma gota de tinta, está coberto de cartazes. Lindberg Cury, Eustáquio José, Alvaro Costa, Meira Filho, quebram qualquer clima de irreal que alguém pudesse esperar encontrar ali. "Pedem para colar e a gente deixa, mas ainda não temos candidatos escolhidos", esclarece dona Braulina, mãe de sete homens e seis mulheres.

A rezadeira diz que não sabe como começou. "Tenho fé em Nossa Senhora Aparecida. Não esqueço dela em hora nenhuma, mas tenho fé em todos os santos e o protetor mesmo é Deus". Também explica que não gosta de receber nada, nem presentes, quando reza. Além de um ramo de arruda, ela tanto pode usar um rosário quanto "uma bassourinha de Santo Antônio". Sobre as orações, revela que não tem fórmula fixa. "Depende do incômodo", mas normalmente são Ave-Marias e País Nossos.